

## 5

### Considerações Finais

Este trabalho evidenciou a dura realidade vivenciada pelos adolescentes do sexo masculino na exploração sexual comercial, na modalidade prostituição, mostrando que os garotos são violentados dentro de uma complexa estrutura de funcionamento do mercado do sexo, encontrando-se distantes das políticas de enfrentamento desta problemática.

No processo de pesquisa de campo foram vistos 29 garotos inseridos no mercado do sexo, em 9 pontos de prostituição de homens, travestis e crianças e adolescentes em situação de rua. Esse número pode variar, já que a movimentação deste segmento é constante e por existirem outras localidades e formas de exploração sexual comercial.

No decorrer da pesquisa, foi possível verificar que os achados apresentam-se relacionados às categorias teóricas adotadas. A tríade articulada entre exploração sexual, violência e gênero estão relacionadas nas formas de dominação presentes na inserção de adolescentes dos garotos no mercado do sexo.

Constatou-se que os adolescentes encontram-se num esquema perverso de comercialização, dominação e submissão. Este processo ocorre através exploração da prática sexual dos adolescentes pelos comerciantes do sexo, que além de lucrarem com os serviços sexuais desses garotos, cobram deles também a permanência no ponto de prostituição, as drogas consumidas, os produtos para transformação do corpo, entre outras coisas, caracterizando uma relação comercial extremamente assimétrica, onde somente o agenciador leva vantagem.

Por meio dos relatos dos adolescentes, pôde-se perceber a variedade de fatores, que os fizeram ingressarem no mercado do sexo, como por exemplo: drogadição, dinheiro, violência, possibilidade de vivenciar a orientação sexual homossexual e/ ou travesti e a curiosidade inerente à idade. No entanto, o grande facilitador para a exploração sexual foi a desproteção familiar vivenciada pelos garotos e o delito do adulto, que se aproveita dessa desproteção para induzi-los a manter relações sexuais comerciais.

A partir dos relatos dos adolescentes e da observação, foi possível conhecer um pouco mais sobre a figura do explorador, tanto aquele que exerce a função de agenciador-aliciador quanto àquele que é o cliente, na sua maioria, pessoas do sexo masculino. Dentre esses, existem os que participam de redes organizadas, compostas por travestis adultas que se prostituem, donos de rua, donos de boates e taxistas. Entretanto, chama bastante atenção a participação de familiares e pessoas próximas desses adolescentes como aliciadores-agenciadores e/ou clientes.

Este estudo obteve confirmação semelhante à encontrada por Libório (2003, p.317), apesar de sua pesquisa ter enfoque nas meninas exploradas sexualmente em Presidente Prudente –SP. A semelhança está nas:

relações estabelecidas entre adolescente e cliente, mediadas por trocas comerciais, [que] caracterizam-se por violência sexual, ou seja, pela relação abusiva de poder. As variáveis de classe social (maior poder econômico), nível cultural (maior escolaridade dos clientes e maior acesso a bens culturais), gênero (maior poder social e cultural atribuído aos homens), a raça-etnia (maioria dos adolescentes é afro-descendente) e faixa etária, e de forma correlata o nível de maturidade psico-social (adolescentes x homens maduros) de cada grupo, demonstraram desvantagem desleal a favor dos clientes que, imbuídos de poder, impunham seus desejos nas negociações das práticas sexuais durante o programa com as adolescentes.

Na presente investigação foram identificadas duas formas da modalidade de prostituição de rua envolvendo os adolescentes do sexo masculino. A primeira é forma a organizada, ou seja, com rede estruturada, jornada de trabalho regular e programa sexual tabelado. Esta organização orienta-se pela ótica da prostituição de rua de travesti e homem, adotando também sua linguagem e a forma de ordenação do ponto de prostituição. Essa forma de prostituição está atrelada à prostituição em local fechado, isto é, em boate, realizada por um grupo de adolescentes. Nesta modalidade, os adolescentes precisam pagar pelo ponto de prostituição e pelos investimentos no corpo.

A outra modalidade ocorre de forma não organizada, possuindo arquitetura específica, sendo a situação de rua a porta de entrada para a comercialização sexual. Aparentemente não está organizada dentro de uma grande rede e acontece de forma esporádica e sem comerciantes habituais do sexo.

Como ressalta Laura (1994, p.641 apud Sousa, 2004, p.212), no seu depoimento na CPI da Prostituição Infantil (1993 e 1994), a prostituição das crianças e adolescentes em situação de rua “pouco tem a ver com a prostituição organizada, voltada para o

mercado mais amplo. (...) São situações absolutamente diferentes. É realmente uma massa sobrando”.

Ambas as modalidades da exploração sexual comercial expressam um cotidiano de extrema violência vivenciado por esses adolescentes, que sofrem tanto agressões verbais, morais, quanto físicas por parte da população. Este fenômeno implica na relação desigual entre adulto e adolescente, assim como na desigualdade econômica. O perfil sócio-demográfico dos garotos estudados explicitou a constante violação dos direitos básicos, que estão expostos. Esta violência prejudica o desenvolvimento saudável dos jovens.

Outra constatação proporcionada pela pesquisa é a vida sexual ativa e de risco vivenciada pelos garotos, uma vez que eles possuem vários parceiros, de forma indiscriminada, e estão vulneráveis a várias doenças sexualmente transmissíveis. Mesmo quando dizem fazer uso constante de preservativos, percebe-se uma inconstância neste uso.

No mercado do sexo envolvendo adolescentes do sexo masculino existe uma divisão em função da identidade de gênero e dos papéis sexuais desempenhados no programa sexual, como também, em virtude dos trajes usados, da postura corporal gestual adotada que vão determinar o status neste comércio e os preços dos programas. Em decorrência disso, os adolescentes se denominam e são denominados pelo mercado do sexo como: “boy”, “bicha boy”, “bicha” e “travinha”. Esta caracterização é complexa e define-se de acordo com a ordenação de cada ponto de prostituição de referência.

Os “boys” são aqueles com características masculinas, alguns fazem uso de produtos farmacêuticos, anabolizantes e estimulantes sexuais, para a construção do corpo, imagem e potencial sexual viril. Estes fazem parte da rede de exploração sexual organizada, desempenhando esta atividade regularmente, recebendo por ato sexual cerca de R\$ 50,00. Os boys foram encontrados na Lapa – Centro, inseridos no ponto de prostituição de homens adultos, realizam programas sexuais dentro de boates, onde de acordo com eles obtêm mais lucro e segurança.

Os “bichas-boys” são aqueles que possuem características masculina e se assumem enquanto homossexuais. Este grupo foi encontrado na Ilha do Governador, juntamente com homens adultos inseridos neste grupo e com o grupo de travestis.

Nenhum “bicha-boy” quis participar da entrevista. No entanto, através das conversas informais e da observação notou-se que não realizam esta atividade com frequência e não fizeram nenhuma alteração no corpo.

As “bichas” são os garotos que se assumem homossexual e possuem traços femininos. Este grupo encontra-se em situação de rua, junto com crianças, adolescentes e jovens de ambos os sexos. Estão na exploração sexual não organizada, os programas sexuais são realizados esporadicamente.

As “travinhas” são aquelas que iniciaram transformação no corpo a fim de obter a aparência feminina, fazem ingestão de hormônio feminino e ingerem silicone industrial e/ ou aplicam prótese. Encontram-se na exploração sexual comercial organizada, percebendo esta como trabalho, realizando esta atividade regularmente com a prática sexual tabelada, conforme organização dos pontos de prostituição de travestis. Este grupo foi visto nos bairros da Barra da Tijuca, Bonsucesso, Glória, Ilha do Governador, Jacarepaguá e São Cristóvão.

Vale destacar o grande número de travestis adolescentes vistos nas abordagens feitas. Este fato se deu em função da concentração da equipe do SECABEXS nos pontos de prostituição de travesti adulta.

Essas denominações “boy”, “bicha-boy”, “bicha” e “travinha” descaracterizam os adolescentes, tirando o caráter de pessoas em desenvolvimento e sujeitos de direitos, coisificando-os e rotulando-os dentro de uma lógica perversa, a lógica do mercado. No entanto, esses garotos são pessoas, que têm sonhos, desejos e querem ser feliz, conquistar bens de consumo, construir novos laços.

Este estudo mostrou através dos relatos dos adolescentes, que eles não estão inseridos na política de enfrentamento a exploração sexual comercial, não sabendo da existência de programas sociais de que se beneficiariam. Apesar do país ter criado nas últimas décadas ações para combater a inserção de crianças e adolescentes no mercado do sexo, os adolescentes do sexo masculino não participam das mesmas.

Foram identificados que esses rapazes estão completamente desprotegidos no processo de desenvolvimento pessoal, individual e sexual da vida, já que a família e o Estado não desenvolvem seus papéis. Os adolescentes estão fora da rede de ensino, não possuem cuidados regulares com a saúde e realizam trabalho precoce severo. Estão fora

do convívio familiar e comunitário, sendo destacado a participação direta ou influência de um membro familiar para a inserção de adolescentes no mercado do sexo.

A inoperância do Estado também é um determinante, já que os adolescentes estão longe das políticas públicas, dos programas de proteção e dos serviços para garantia dos direitos da criança, pois desconhecem os serviços ou temem o acesso do Estado, concebendo-os como repressores ou discriminatórios. Além disso, vale ressaltar que o único adolescente que tem histórico de várias instituições, continua em situação de rua e de exploração sexual comercial e a sua perspectiva de futuro é a ‘morte’.

Assim sendo, nota-se a necessidade de prosseguir e ampliar as medidas para enfrentar esta problemática. Acreditando no processo de protagonismo desses jovens, deve-se assumi-los como principal personagem da sua história, trabalhando e estimulando-os nas suas potencialidades e desejos, com propósito de construir alternativas e formas de enfrentamento, vislumbrando outras formas de trabalho, sobrevivência e diversão, que não seja a exploração sexual. Desse modo, fazer valer as vozes desses garotos, transformando-os em sujeitos de direitos.

Para isto, precisa-se compreender que os adolescentes do sexo masculino também são violentados sexualmente e que existe uma diversidade na masculinidade, incluindo-os na agenda política. Neste sentido, sugere-se que as estratégias de enfrentamento à exploração sexual comercial de adolescentes do sexo masculino, seja realizada de forma diferenciada em função da estrutura da prostituição, assim como, de acordo com as percepções dos adolescentes sobre a sua situação. Ainda, conforme a identidade sexual e de gênero dos garotos, pois as demandas e a realidade vivenciada no mercado do sexo são distintas.

Ainda, precisa-se realizar levantamento diagnóstico constante nos locais com concentração e fluxo de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social (situação de rua, tráfico e uso de drogas e prostituição), através de uma busca ativa, pois existe um movimento rotativo deste grupo. Além disso, necessita de uma equipe especializada em abordagem de rua, com conhecimento acerca de identidade sexual e exploração sexual. Sendo assim, será possível mapear as localidades, o perfil e as diferentes formas de modalidade de prostituição na cidade, com intuito de criar mecanismos para enfrentar esta problemática de acordo com a necessidade de cada grupo.

Ademais, faz-se com urgência a criação de espaços que promovam a igualdade através do tratamento diferenciado, através de locais especializados para atendimento, como centro de referência de assistência para jovem, tratando os meninos e rapazes com identidades sexuais diferentes ou que estão inseridos nas redes de prostituição.

Concomitantemente, as políticas universais Sistema Único de Saúde – SUS, Sistema Único da Assistência Social – SUAS e Política Educacional precisam incluir na sua agenda a questão de identidade e orientação sexual e exploração sexual comercial, sem que os adolescentes passem por constrangimento por possuir identidade sexual homossexual ou travesti e por encontra-se no mercado do sexo.

Ademais, propõe-se o atendimento das famílias e dos garotos dentro do paradigma de redes que implica na articulação entre os segmentos voltados para o atendimento dessa população, isto é, assistência social, educação, saúde e jurídica, permitindo melhor interação e informação acerca das necessidades apresentadas.

Não pode esquecer que explorador deve ser responsabilizado por esse crime e a sociedade precisa proteger as crianças e os adolescentes para que os mesmos não sofram desse mal, pois a exploração sexual fere todos os direitos das crianças e dos adolescentes.

Ainda, faz-se necessária uma medida a longo prazo, com propósito de prevenir a inserção de crianças e adolescentes no mercado do sexo. Para isto, a realização de campanhas a fim de mudar a postura e o comportamento da população em relação aos preconceitos e estigmas com os garotos que estão em situação de exploração sexual comercial infanto-juvenil. Ainda é preciso que a população esteja informada sobre a importância das políticas, dos programas e das leis de proteção à criança e o adolescente.

O Estado também deve assumir seu papel de proteção, garantindo condições para a família proteger seus membros criança ou adolescente, gerando emprego e renda, com intuito de enfrentar a desigualdade social, como também, escolas públicas de qualidade e com ensino laico para todos, atendimento à saúde amplo e preventivo e que as medidas de proteção sejam efetivas e respeitadas.

Ademais, é preciso que a família cuide e proteja seus membros infantis e juvenis, dando todo o suporte necessário para que os mesmos se desenvolvam plenamente.

Este estudo não terminará com esta dissertação, visto que a dimensão deste fenômeno e o compromisso assumido com os garotos implicam na continuação dos estudos, necessitando um aprofundamento nas análises sobre a situação dos garotos no mercado e das demandas desse grupo. Ademais, neste processo novas indagações surgiram e outras permanecem presentes, tais como: como os programas de combate à exploração sexual direcionam suas ações para os adolescentes do sexo masculino? Qual o conhecimento da equipe profissional dos programas de enfrentamento acerca da dinâmica da exploração sexual comercial envolvendo os garotos? Essas questões precisam ser respondidas, pensadas e analisadas, a fim de propiciar a proteção e a garantia dos direitos das crianças e dos adolescentes desse país.